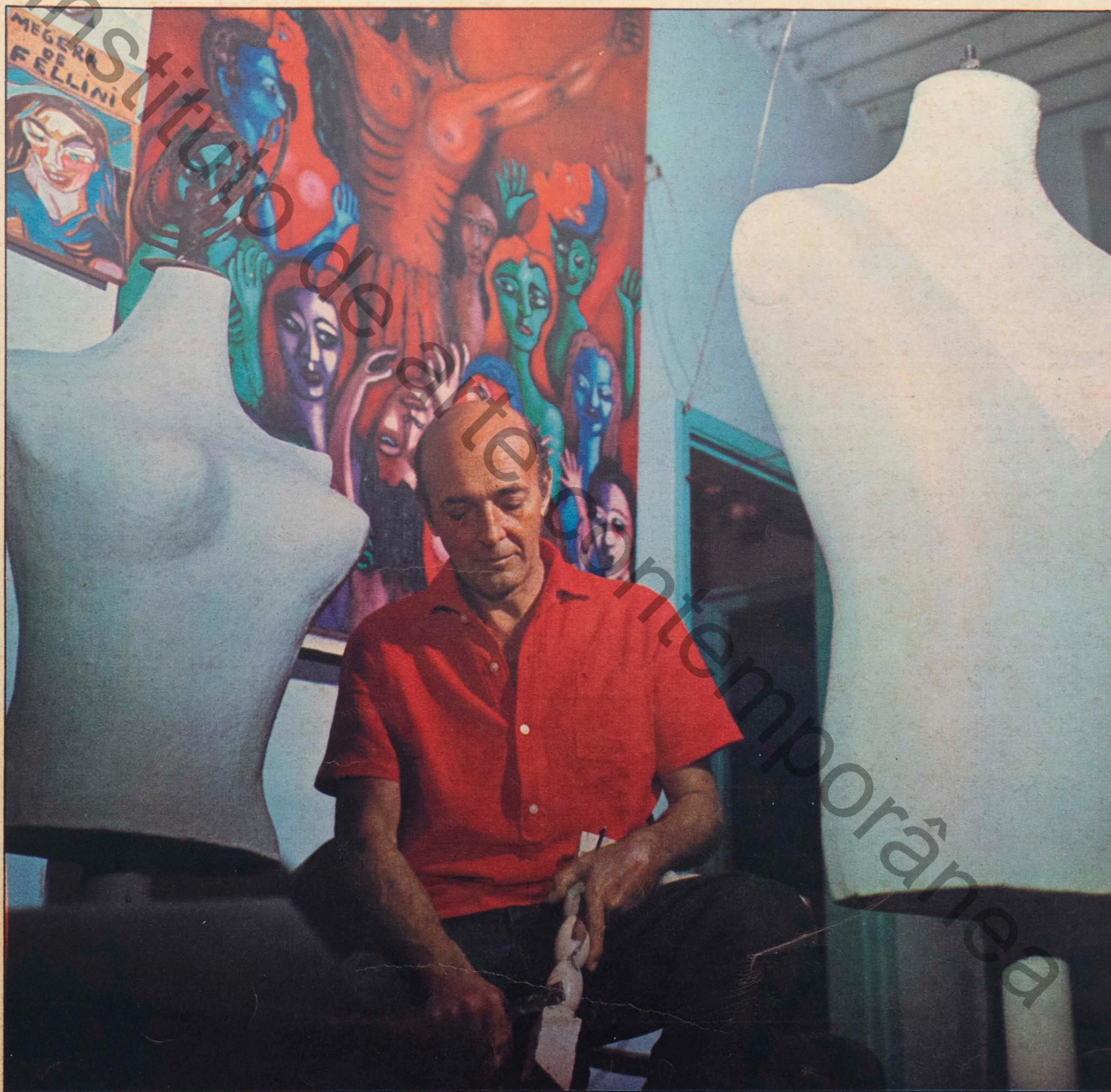


COMO VIVEM OS NOSSOS ARTISTAS

Vamos tornar a dar um giro pelo mundo artístico e ver novamente como vivem alguns pintores cariocas. A poesia dos quadros de Abelardo Zaluar, a graça ingênua de renovação de José Paulo e suas portas, o mistério do nôvo muito antigo de Scliar, e a marca valente nas composições dos "achados" de Humberto Cerqueira serão apresentados neste número de JÓIA através de seus próprios ambientes.

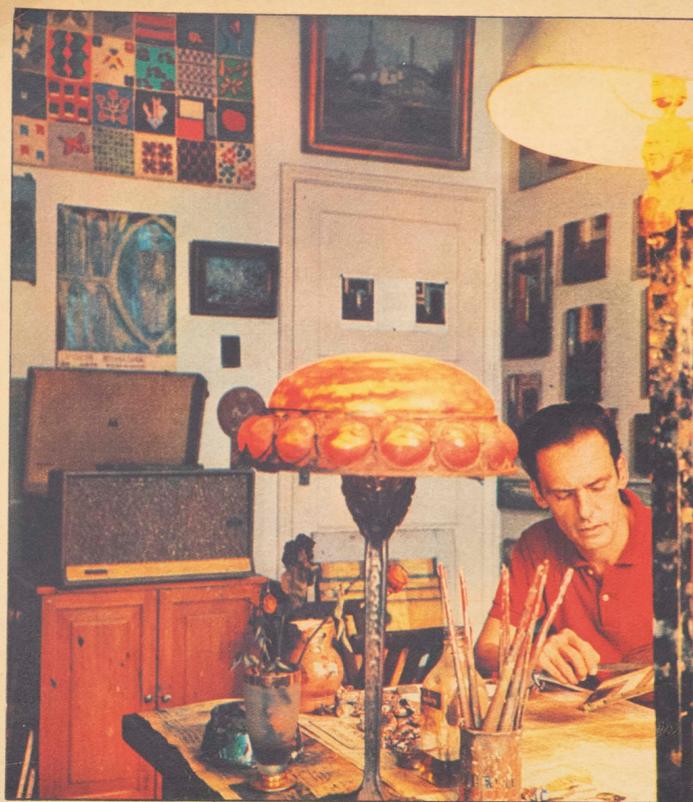


HUMBERTO CERQUEIRA vive em um pequeno apartamento em Copacabana. A decoração de seu ambiente é toda feita com peças autênticas de nosso mobiliário colonial. Seu ateliê fica situado um andar acima, em um pequeno terraço, e lembra ao mesmo tempo um estranho depósito ou uma oficina de carpintaria. Sua personalidade forte, porém, marca a presença com seus "objetos achados" que recolhe e dá nova vida e sentido como elementos de composição. Acima, Humberto elabora nôvo trabalho, usando para isso dois manequins antigos já restaurados e pintados em branco. Dêles pretende fazer uma composição mecânica com as características de uma caixinha de música. Nesse caso, a imaginação posta em prática cria beleza.



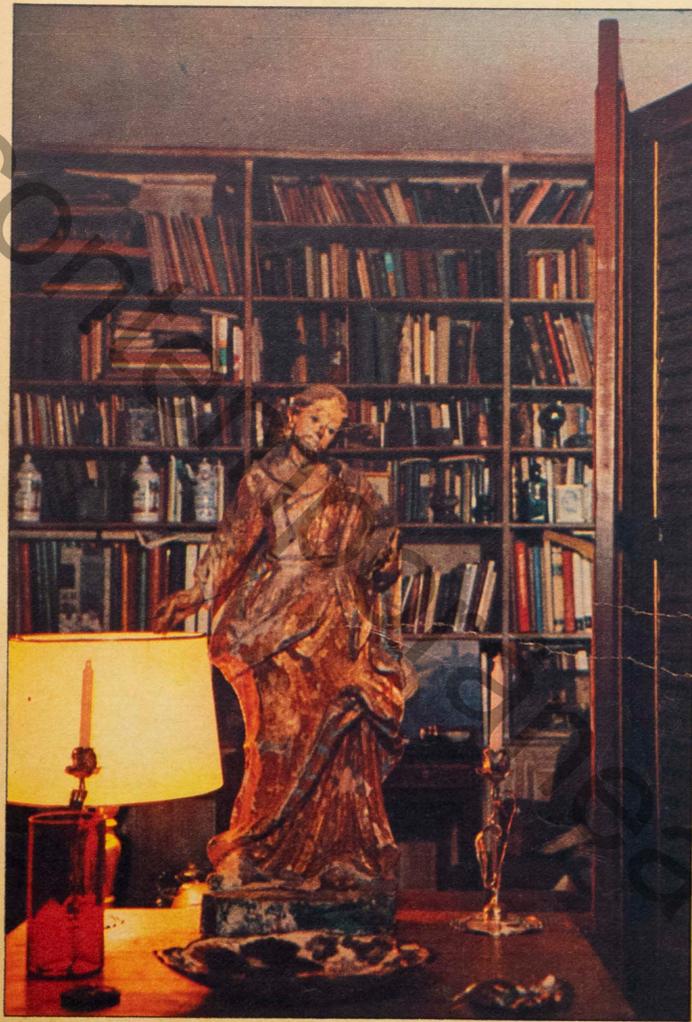
COMO VIVEM OS NOSSOS ARTISTAS

MÍRIAM CERQUEIRA é casada com Humberto Cerqueira há dois anos. É gravadora e já expôs seus trabalhos no Salão de Arte Moderna com bastante êxito. O apartamento do casal é pequeno, bem dosado e de um bom-gosto extraordinário. A presença de peças antigas faz da simplicidade seu maior requinte. Acima, à esquerda, Miriam talha uma nova gravura sobre uma mesa colonial. Uma velha lanterna é ligada ao teto por uma enorme corrente, numa adaptação perfeita. A tradição de um velho tocheiro de altar e de uma terrina branca se contrapõem ao arrôjo e desafio do trabalho forte de Humberto na figuração de **O Ditador**, traduzindo o sentir mecânico de nossa época. Abaixo, à esquerda, bancos rústicos com assentos em sola, um pequeno tacho em cobre, flôres, um velho tapete fazem moldura para uma paisagem bucôlicamente diferente de um morro de Copacabana. A direita, abaixo, um banco, saído talvez de alguma velha igreja, tem por fundo uma rústica parede simplesmente caiada. O antigo e o novo se mesclam novamente em contraste e harmonia na composição dos quadros colocados sobre a parede branca. Uma simples roca e um oratório com a Virgem completam o ambiente.



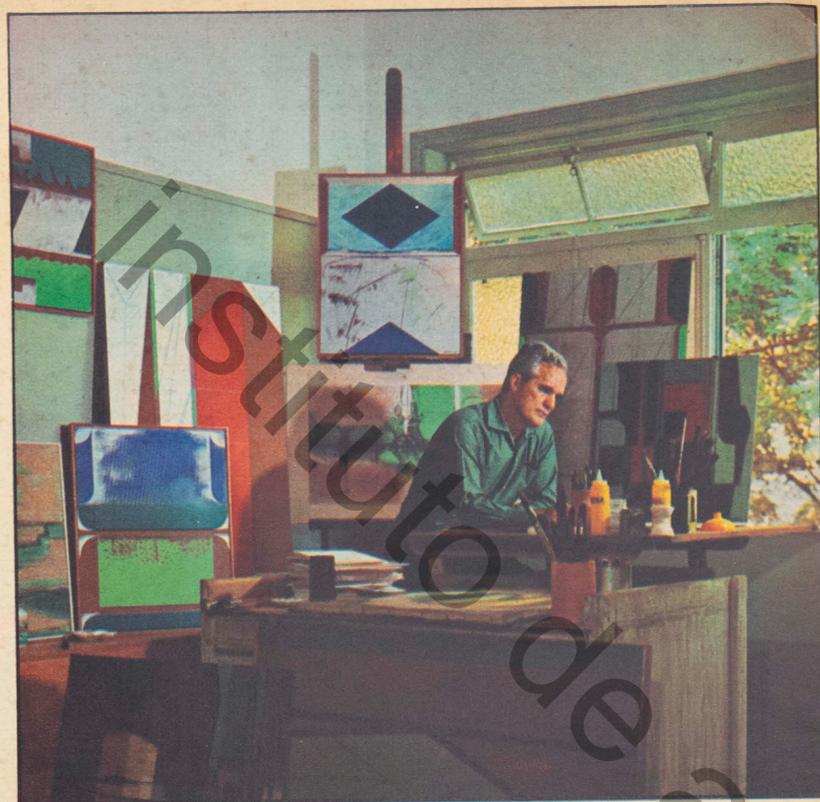
JOSÉ PAULO MOREIRA DA FONSECA

é pintor e poeta. Vive na Guanabara, em Ipanema, numa casa próxima à Lagoa Rodrigo de Freitas. Estudou Direito e Filosofia, porém, em 1959, lançou-se na carreira artística. José Paulo pinta o mistério das portas antigas. Sua palheta é clássica e sua obra surrealista. Consegue dar a seus trabalhos um sabor mágico de infância. Na renovação de seu milagre cria lembranças, ressuscitando pela cor e forma um mundo que passou. Sua casa marca a presença do colecionador. Crê no que chama "objeto mágico", ou seja, acredita que os "objetos levam dentro de si a presença de seus possuidores". Acima, à esquerda, José Paulo trabalha em seu ateliê. Apreciador do **art nouveau**, acha que "um pouco de mau-gosto faz da obra de arte, especialmente da decoração, uma arte mais humana". Abaixo, à esquerda, um recanto de seu **living**, tendo ao fundo uma estante e em primeiro plano a imagem de um **Crist'** de sua coleção. À direita, também abaixo, outro ângulo de seu ateliê e a presença de seus quadros com suas portas rasgadas nas telas, dando aos mesmos um gosto de poesia e lirismo e um conteúdo brasileiro regional.



ABELARDO ZALUAR

nasceu em 1924 em Niterói. Seu gosto pela pintura e desenho acentuou-se desde cedo por influência de seu pai, que era desenhista. Estudou na Escola de Belas-Artes, onde atualmente é professor. Hoje mora na Guanabara em uma rua sossegada da Urca. Seus trabalhos possuem um real conteúdo poético que comove. Suas imagens são intensas e diversas, ricas em solicitações e ressonâncias. Acima, à esquerda, um ângulo de seu ateliê, onde a decoração é dada por seus quadros. Junto aos pincéis, potes de tintas e suas telas. Zaluar trabalha com muita luz e o verde das árvores. Sua casa é desprentensiva, calma e ordenada. Demonstra gosto sóbrio de arquitetura estável. Abaixo, uma visão de seu **living** e quarto de dormir, à esquerda. No mais, grande mala antiga tacheada, à frente, uma mesa vestida ao fundo, bons quadros, algumas frutas e flôres silvestre. À direita, uma estante feita por ele, pintada em branco e vermelho.



CARLOS SCLiar

considera fundamental que a casa seja um reflexo da personalidade de cada um, e é isso que sentimos ao visitar seu apartamento no Leblon. Sua casa, como seus quadros, refletem suavemente tôdas as tonalidades dos castanhos. Scliar gosta de duas coisas acima de tudo: de pintura e de gente. Quando se fala da apreciação de seus trabalhos, diz: "A comunicação é fundamental, mas não sei exatamente o que transmito a cada um. Cada pessoa que se aproxima de mim é um mistério multiplicado. Sou rico da experiência e da ressonância de cada observador." Por ter seu ateliê se tornado pequeno aqui no Rio, pois "meus quadros cresceram", muda-se constantemente para Ouro Preto e Cabo Frio para pintar, continuando no entanto a morar no Leblon. Abaixo, uma vista de seu **living**, com um banco antigo recoberto de couro e uma mesa baixa com objetos de pedra-sabão. O esquema cromático do quadro se repete na sua sala.

